Mestrado Som e Imagem – Cinema e Audiovisual
Unidade curricular: Praxis do Cinema
Docente responsável: Carlos Ruiz
Ano lectivo 2016-2017
Nudson Alan Terrinha Alves

Tratamento estético do filme Sonata de Outono *Autumn Sonata (1978).*
Realizador: Ingmar Bergman
Atores Principais: Ingrid Bergman, Liv Ullmann, Lena Nyman

Introdução

Esta é uma analise do filme Sonata de Outono do brilhante realizador sueco Ingmar Bergman dono de uma longa carreira cinematográfica e teatral, que realizou o filme em questão, Sonata de outono no ano de 1978, e contou com a estrela hollywoodiana e também sueca Ingrid Bergman que fez o seu ultimo filme e primeiro filme em sua língua depois de mais de 40 anos fazendo filmes em Hollywood, o filme também conta com a talentosa atriz Liv Ulmann que é uma das musas dos filmes de Bergman participando em seus principais filmes desde o inicio de sua carreira.

Método

O método que segui para análise do filme foi o de desconstrui-lo, começando pela exposição dos personagens do filme que são o fio condutor dramático de toda a historia que nos levará aos seus conflitos iniciais até alcançarmos o clímax máximo da trama e por fim chegarmos a sua resolução ou fechamento, no caso de Sonata de Outono, não temos um final fechado que explique a historia ou que de pistas do que acontecerá no futuro[1] um clímax da estória com mudanças absolutas e irreversíveis que responda a todas as questões levantadas pela narrativa e satisfaça a todas as emoções do publico é um final fechado, como típico do cinema de autor, temos um final aberto[2] um clímax da estória que deixe uma ou duas questões não respondidas

[1] MCKEE, robert. *Story: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro.* Curitiba: Editora Arte e Letra, 2006, p58
[2] *ibidem*

e alguma emoção não satisfeita é um final aberto, que deixa por conta do espectador supor, suspeitar o que poderá acontecer com os personagens principais a partir das ultimas pistas deixadas pelo realizador.

Assim, o filme ficou dividido em quatro partes:

1 - Mãe e filha
2 - O Conflito
3 - O Clímax
4 - A Culpa

Análise

Portanto em consequência do cumprimento das exigências propostas pelo professor Carlos Ruiz responsável pela unidade curricular, Praxis do Cinema no Mestrado de Som e Imagem inicio a minha analise do filme "*Sonata de Outono" (Autumn Sonata, 1978) do cineasta* Ingmar Bergman (1918-2007).

Sinopse

O filme é sobre uma pianista famosa internacionalmente, interpretada pela Ingrid Bergman, que volta depois de muito tempo a Suécia e visita a filha que não vê a muito tempo, a filha vive numa casa muito humilde, numa pequena vila, a casa é da igreja por que ela é casada com um pastor. Ao chegar lá ela descobre que essa filha não esta sozinha, a outra filha dela que tem problemas mentais, e que ela julgava a estar internada em uma clinica na verdade esta com a irmã. Então ela revê as duas de uma vez só e isso causa um impacto muito forte nela.

Tema

O tema do filme esta em torno de uma mulher Ingrid Bergman que interpreta Charlotte que não poderia ser uma mãe, ou uma esposa, ou um amigo, ou mesmo uma pessoa normal. Ela nunca escuta, ela é uma escapista, uma pessoa emocionalmente aleijada que não consegue entender as emoções de outras pessoas. Quando ela visita sua

filha (Liv Ullmann) depois de muitos anos de evitá-la, a verdade de eventos passados finalmente é revelada em um clímax impressionante.

Mãe e filha.

O filme inicia com um *voice off*, é a voz de Viktor o pastor e marido de Eva, que nos introduz a primeira personagem, Eva, ela esta sentada em uma cadeira escrevendo uma carta para a mãe que não vê a mais de sete anos como vemos na imagem.

Imagem 01

Vemos Eva no fundo do plano com um vertido vermelho longo, imponente que demonstra uma personalidade forte, ela esta centralizada na composição, e a vemos de longe, Eva está em terceiro plano, a fotografia da cena é aconchegante tudo aparece em extrema organização e tudo parece estar no seu lugar.

Somos apresentados então à Viktor que fala diretamente para o telespectador, de forma direta, ele fala de como conheceu Eva e da admiração que tem por ela exaltando as suas qualidades, a todo tempo vemos Eva ao fundo do quadro. Para Viktor, Eva parece ser uma mulher perfeita, inteligente e que guarda algo de misterioso dentro dela.

Imagem 02

Imagem 03
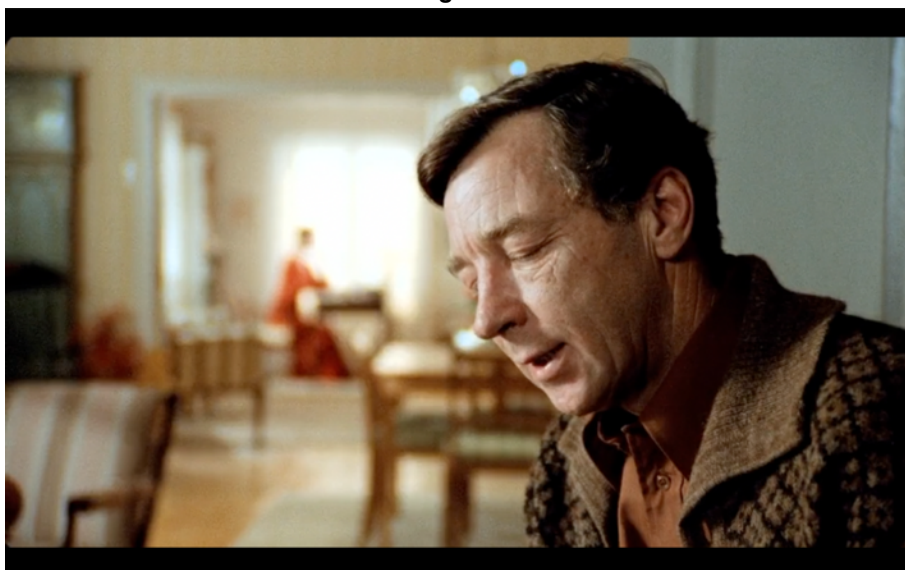
imagem 04

O uso do *estilo* se contrapõem ao *Syuzhet* nestas primeiras cenas, ele é percebido pelo uso da técnica cinematográfica em que Bergman usa para criar o ambiente e a ideia primaria que temos dos personagens, principalmente de Eva que é vista em uma posição de equilíbrio em oposição a Viktor no quadro, no momento em que Viktor fala diretamente para nós não nos dando outra escolha como espectadores alem de prestar atenção nas suas palavras, obrigando a nossa atenção.

Outro fato importante nesta cena é o trecho que Viktor lê de um dos livros de Eva em que ela fala da necessidade de que todas as pessoas têm de ser “vistas pelo o que realmente são”, neste momento em que Viktor, fala sobre a visão que tem sobre a esposa é o momento em que ela esta mais borrada, obscurecida quase que apagada da tela. *Ref. (imagem 01 à imagem 04)*

Imagem 05

Eva, levantasse e vai em direção ao escritório do marido, nesta cena algo da personalidade de Eva é revelado.

imagem 06

Na cena seguinte quando Eva entra no escritório de Viktor, podemos notar pela sua maneira de agir que o conceito criado anteriormente sobre a sua personalidade é agora distorcido pela sua própria maneira de agir, perante ao marido ela é acanhada, age de forma envergonhada e submissa.

imagem 06

Eva lê para o marido a carta que escreveu para a mãe, enquanto Viktor ouve com atenção, Eva pergunta se a carta esta boa ou não. Demonstrando mais uma vez a sua insegurança.

imagem 07

imagem 08
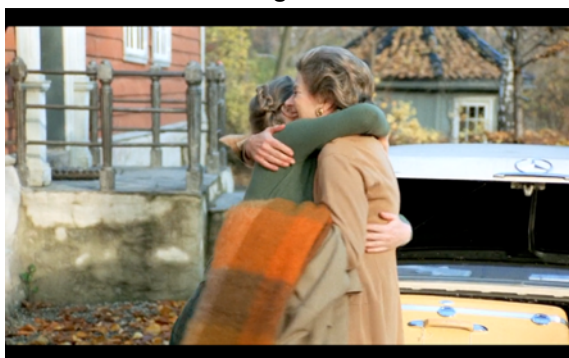
imagem 09
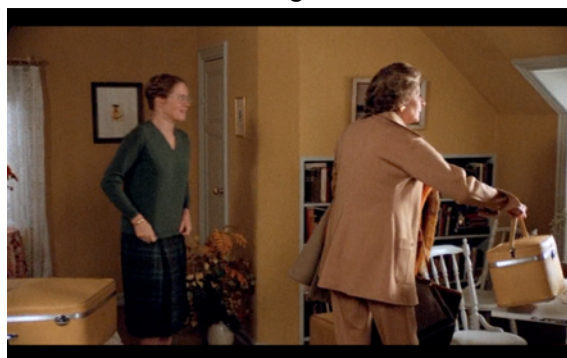
imagem 10

Na cena seguinte temos a chegada de Charlotte, *Ingrid Bergman 1915-1982,* que chega demonstrando carinho e saudade pela filha, ao entra na casa Charlotte repara na humilde casa da filha, que mora na casa da igreja, numa vila distante e pequena, a única pergunta que Charlotte faz é se o marido de Eva esta em casa.

Charlotte começa a falar de toda a tristeza e a solidão que sentiu desde de a morte de seu marido Leonardo.

imagem 11

imagem 12

imagem16

imagem 13

imagem 14

Bergman, evidencia nestas cenas o passar do tempo de forma que o *estilo* interage novamente com a narrativa ilustrando os fatos contados por Charlotte, durante a conversa com Eva, o passar de um dia inteiro representado pela mudança da temperatura da luz externa vinda da janela do hospital, que são também a representação do ultimo dia de vida de Leonardo, que se inicia em um dia claro, passa por um fim de tarde ensolarado, com uma luz forte de por do sol, a noite é carregada, alguns cantos da cena são escuros de mais, e a manhã em que Leonardo morre é extremamente fria e Charlotte esta sentada na cadeira exausta.

Neste momento Charlotte se apresenta como uma pessoa muito carinhosa, próxima, preocupada e atenciosa que tenta estar perto das pessoas que gosta. Ela fala do vazio que Leonardo deixou e que sempre tentava visita-lo, aqui Bergman mais uma vez nos mostra uma personalidade do personagem que será desmascarada a diante.

imagem 18

imagem 19

Mãe e filha diante do espelho, quando Charlotte e Eva se falam através do espelho podemos tentar entender esta metáfora pelos meios da metáfora do espelho e a ilusão transcendental na obra kantiana,

> que é atribuída à ilusão de ótica, que explica a formação de uma imagem no espelho: na medida em que um objeto é colocado à frente do espelho, uma imagem do objeto se projeta atrás da superfície do espelho. Esta imagem que se projeta atrás do espelho pode nos levar a uma aparente ilusão, que consiste em perceber que há um objeto real que se coloca atrás do espelho, criando em nós uma sensação aparente de que a imagem refletida está à frente e não atrás do espelho. Mesmo tomando consciência de que a imagem atrás do espelho não é um objeto real, isto não muda a existência de tal objeto como uma imagem no espelho.[3]

Eva, possa estar vendo a outra realidade que poderia ser a sua vida diante do espelho, ela e a mãe se dando bem, fazendo coisas juntas, próximas, vivendo uma realidade completamente da vivida durante toda a sua vida, mas Eva parece retomar

---

[3] GIROTTI, márcio Tadeu. *A metáfora do espelho e a ilusão transcendental na obra kantiana: Sonhos de um visionário e critica da razão pura,* São Carlos, tese de doutorado defendida em 2014 , p 300

a realidade rapidamente quando fraqueja ante ao espelho, o tom da relação entre as duas varia do amor mutuo ao desespero, do perdão a raiva.

imagem 20

A revelação de segredos escondidos na casa deixa Charlotte ainda mais desconfortável, quando Eva revela que sua irmã Helena, a outra filha de Charlotte, que esta em estado terminal e é incapaz de falar e de cuidar de si própria esta vivendo com ela e Viktor sem o conhecimento de Charlotte, Eva diz que não contou para Charlotte pois saberia que ela não viria visita-la se soubesse. O reencontro com a filha doente causa pesadelos em Charlotte. Uma tensão e formada entre mãe e filha, Charlote chama Eva de ingênua ao coloca-la em tal situação.

imagem 21

imagem 22

Algo do interior de Charlotte e despertado nesse sequencia com a filha doente, é nítida a dificuldade de comunicação entre as duas e a dependência de Helena por Eva, que guia a conversa das duas, ela se sente envergonhada e com a consciência pesada.

imagem 23

Charlote fica chocada com o estado da filia e se lamenta não poder ajudar ou confortar a filha como faria se ela fosse uma criança, Bergman, ainda trabalha a imagem de charlote como uma boa mãe, o teatro ainda não foi descoberto.

Charlote ainda aparece como uma mulher poderosa, quase inabalável mesmo diante da situação da filha ela se mantem intacta.

imagem 24

A conversa de Eva e o marido na sala preparando o jantar funciona com um momento de relaxamento de tenção entre as cenas dramáticas, mas também pode ser analisada pelo viés da importância que Bergman da aos homens nos seus filmes, eles são quase que seres secundários, a importância das mulheres é muito forte, então as cenas onde o marido aparece falando com Eva, ou interagindo com as personagens são monótonas, rotineiras, não revelam muito sobre a historia.

O Conflito

Apesar do filme ser extremamente teatral a cena analisada a seguir não poderia ser reproduzida com a mesma intensidade no palco do teatro, dado a grandiosidade do efeito produzido através do *estilo* que interage com o *syuzhet* na cena ampliando todo o poder dramático da historia, a posição da câmera que nos insere na cena e nos dá um grande valor realista do momento é um efeito muito especifico do cinema que eleva os aspectos principais que a cena provoca, diferente de uma peça de teatro, nesta cena somos introduzidos ao lado das duas personagens, enquanto Charlotte toca o piano de perfil, temos que encarar a todo momento o personagem de Liv Ullmann reagir a cada momento da cena. Cena esta que trata do invisível, utilizando o mundo visível, a técnica, enfatizando a interação do *estilo* entre o *syuzhet*.

imagem 25

imagem 26

imagem 27

imagem 28

O que é importante na cena é o que acontece após o jantar, mãe e filha se sentam ao piano, a filha toca depois a mãe toca, o efeito sobre as personagens é muito forte e representado de forma muito dramática e acompanhada pelo Preludio No.2 de Frédéric Chopin (1810-1849), que Eva interpreta de forma hesitante e amadora, e ela imediatamente sente a rigidez de sua mãe em seus elogios tensos ("Você não gostou", Eva diz, ao que Charlotte responde, "Eu gostei de você"). Quando Eva insiste que Charlotte explique para ela o que ela fez de errado, Charlotte entra em um modo pedante, professor-aluno, explicando a Eva a diferença entre emoção e sentimentalismo.

Temos no plano Eva, de frente para nós e Charlotte de perfil tocando o piano, esta cena dura 4 minutos e durante esse tempo em que a personagem da Liv Ullmann é humilhada pela arrogância da mãe, podemos imaginar, fazer uma livre associação de ideias do que se passa na cabeça da personagem olhando para a mãe, uma humilhação estética, a mãe tira a filha do piano, sem comentar nada sobre a apresentação que a filha fez anteriormente e toca como se mostrasse para filha o quanto ela é superior, toda a arrogância de Charlotte é mostrada e Eva se sente diminuída e humilhada. Bergman neste instante nos dá pistas para entender a

quantidade de coisas que podem estar sendo reviradas na cabeça de Eva naquele instante, ele emoldura a cena e praticamente joga na nossa cara por algum tempo a as emoções de Eva.

O tom de suas relações começa a estremecer quando Charlotte percebe que Eva possa ter algum problema, na cena seguinte a do jantar, Charlotte esta saindo do seu quarto e procura por Eva, ela quer sair para caminhar e conhecer o lugar onde a filha vive, ela grita por Eva que esta no quarto do filho Erik, que se afogou quando tinha apenas 4 anos. Eva mantem o quarto do filho completamente intocado desde sua morte.

Esta passagem é representada na seguinte sequencia:

imagem 29
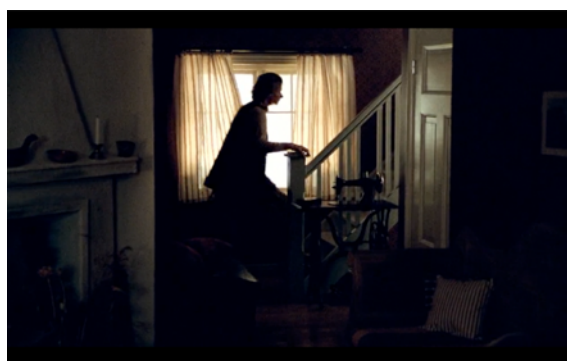
imagem 30

imagem 31

imagem 32

Charlotte sai do seu quarto e a fotografia da cena e completamente escura e pesada, há um clima sombrio, misterioso, ela grita por Eva que esta no quarto superior e quando ela vai ao encontro de Eva, passando pela janela fechada temos apenas a forma da sombra de charlote contra a luz que vem da janela, Charlotte é como um ser obscuro vindo da escuridão para o mundo de luz e ilusão que Eva cultiva dentro do quarto que era do filho, local onde ela se refugia da realidade e se encontra em

contato com o filho morto, a fotografia da cena é completamente oposta a cena anterior, há uma luz vinda da janela que deixa Eva em evidencia, mas Charlotte e a cama do filho não recebem essa luz.

Mais a diante, Charlotte após uma conversa com Eva se deita para dormir e tem um pesadelo que parece ser muito real.

imagem 33

imagem 34

imagem 35

imagem 36

Charlotte esta dormindo e uma mão a toca com carinho nas mãos e depois passa a tocar de maneia mais brusca no rosto e logo em seguida tenta agarra-la na escuridão, essa personagem que aparece no pesadelo de Charlotte pode ser associada a figura sombria e assustadora de Helena que faz Charlotte se levantar da cama durante a noite.

Clímax

Eva ouve o grito da mãe e vai a seu encontro para saber o que aconteceu, Charlotte explica que teve um pesadelo, quando Eva esta á deixa-la Charlotte faz uma pergunta que dará inicio ao clímax do filme onde todas as emoções ficarão a mostra.

Eva reinicia o processo de cavar o passado, reabrindo feridas antigas e espetando feridas nunca curadas, Eva é a principal instigadora, o que nos faz pensar se sua decisão de convidar a sua mãe foi motivada principalmente pelo desejo subconsciente de enfrenta-la com toda a sua dor, para libertar o que ele vem reprimindo durante toda a sua vida. Eva, fala de como a sua infância era ruim mesmo quando a mãe estava em casa dada a sua imensa exigência com sigo mesma e falta de tempo para a família, Eva ainda revela que a mãe não era fiel ao pai. A tensão dramática começa a se acentuar.

A partir deste momento temos uma sequencia de *flashbacks* que revelam a solidão e a distancia da mãe que nunca se preocupou com a filha na infância, uma vez que Charlotte da a Eva a chance de expressar seus sentimentos, o que sai é uma torrente de abusos passados que abrigou ressentimentos contra os quais ela não concede a Charlotte nenhum espaço para desculpas ou refutação.

imagem 37

imagem 38
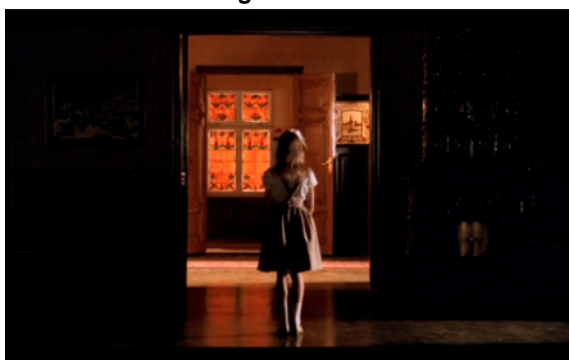
imagem 39

imagem 40

imagem 41

imagem 42

Na sequencia de *flashbacks* narrada por Eva percebemos a solidão vivida pela personagem, é também especialmente perceptível o modo como a estrutura narrativa do filme se reflete na iluminação e na hora do dia, o isolamento de Eva é a cada ato do filme iluminado em uma luz diferente, manhã, tarde e noite, a personagem representada por Linn Ullmann que representa Eva na infância é sempre mostrada de cabeça baixa, ela nunca encara a câmera ou os outros personagens, mesmo a mesa com o pai notamos a distancia dos personagens, a interferência do *estilo* nesta cena se faz pela referencia de espaço e de distancia que nós telespectadores tempos dos personagens, se a pequena Eva esta longe do pai e das relações familiares e até mesmo triste e distante com a chegada da mãe por não se sentir mais parte do mesmo mundo que ela, nós espectadores estamos ainda mais distantes, os *flashbacks, são* representados de forma bastante teatral, esta sequencia de revelações entre mãe e filha que se inicia no minuto 00:47:06 e termina em 1:21:55, e quase toda ela construída em *close up´s,* a exceção são os os *flashbacks,* que são encenados como pinturas, uma referencia aos quadros do pintor holandês Johannes Vermeer (1632-1675)[4]

---

[4] Imagens 43 à 46 – Pintutas de Johannes Vermeer (1632-1675)

imagem 43

imagem 44

imagem 45

imagem 46

A mistura de tons quentes e frios, as luzes que entram pelas janelas, nos faz sentir o ar de outono, as cores do outono permeiam o filme, folhas caídas, paredes e móveis em tons quentes de amarelo, marrom e creme, a câmera estática que assiste como um espectador a cena trazendo mais elementos referentes ao teatro.

No seguir da cena sentimos a crescente hostilidade entre Eva e Charlotte.
As revelações de que Charlotte é um personagem fundamentalmente egoísta, que ela era, de fato, um monstro de mãe, mesmo quando ela estava tentando desempenhar o seu papel, Liv Ullmann encarna o papel de raiva e dor da criança

abandonada que vemos nos *flashbacks*, momentos que iriam construir a Eva adulta, insegura, abalada e instável.

Eva nos mostra a verdadeira imagem da mãe, que se esconde atrás da sua postura arrogante e teatral, o teatro criado por ela começa a se desmanchar.

imagem 47

imagem 48

Viktor, ouve a conversa e se aproxima, mas não se deixa perceber e se afasta, aqui Bergman trabalha a imagem de passividade do marido mais uma vez, sendo incapaz de agir mesmo vendo a esposa em tal situação, Viktor está coberto pelas sombras, há sempre algo de misterioso em volta do marido de Eva, nada fica muito claro a respeito dele, e não ser a forma que ele observa o drama da mãe e da filha com resignação. Viktor é incapaz de agir mesmo quando Eva e Charlotte revelam em sua conversa que Eva tinha cometido um aborto supostamente influenciado por Charlotte.

O embate entre as duas chega no seu clímax quando Eva no alto de seu desespero e coragem, frente a frente com a mãe, diz, “a verdade é que você detesta a mim e Helena”.

imagem 49

imagem 50

Charlotte tenta escapar virando o rosto, mas não há saída, elas estão aprisionadas no mesmo quadro, exprimidas pela câmera, este é o momento em que Eva e Charlotte se tornam uma só, ligadas ao mesmo passado e ao mesmo presente, a destruição das duas se completam e elas não podem mais escapar.

imagem 51

Imagem 52

Temos uma cena que pode ser comparada com a cena após o jantar em que mãe e filha tocam o piano, temos um plano parecido, em que estamos mais uma vez muito próximos e condenados a prestar atenção na mãe e na filha, o que nos conecta à cena após o jantar são os sentimentos e as expressões corporais que se intensificam de forma melodramática mais uma vez no confronto mãe e filha, se antes tínhamos Eva, fraquejando, sendo diminuída e humilhada pela arrogância da mãe, agora vemos Eva num papel que contrasta com o anterior, agora é ela quem fala, quem cadencia a cena, Charlotte representa as emoções sentidas a cada palavra de Eva. Agora é Eva que de certa forma humilha a mãe, é ela a mostrar quem tem propriedades para falar de sentimentos, se a mãe que na cena do piano dominava a arte de tocar pela experiência adquirida e dedicação durante anos, é Eva nesta cena que demonstra que tem a experiência de transmitir os seus sentimos e o seu sofrimento adquirido por toda a sua vida.

Grande parte do filme parece uma condenação de Charlotte, que era mais dedicada ao seu trabalho do que a filha, tudo se intensifica quando Eva diz a seguinte frases "*uma mãe e uma filha... que terrível combinação de sentimentos... confusões e destruições"* ficamos completamente hipnotizados e perdidos no olhar de Eva e Charlotte, o rosto humano é um mundo em si mesmo, e a tensão da cena explode no

seu clímax quando Eva então faz a seguinte pergunta para mãe "*Será que as desventuras da filha são o triunfo da mãe? Minha desgraça é o seu prazer secreto?".*

A relação Charlotte-Eva domina o filme. Eva não pode viver com a mãe e não pode viver sem ela; Charlotte é uma mãe amada, um inimigo odiado, e um bode expiatório culpada por cada pecado e pelo infortúnio de Eva.

imagem 53 **Imagem 54**

imagem 55 **Imagem 56**

Mais a frente temos Charlotte ao chão a falar com Eva, ela olha para o teto, já não encara a filha, ela reflete e vela coisas do seu passado, o fato de Charlote esta olhando para o teto pode ser relacionado com fato dela esta mirando em algo distante, algo que esta muito longe do seu alcance o passado que ela pode apenas comentar e não pode modificar, Charlote agora esta verdadeiramente no chão, ela se move e se eleva apenas quando fala que apenas através da música pode demonstrar seus sentimentos, surge então um questionamento muito especifico do cinema de Bergman que rodeia temas existenciais, ela pergunta para si " *será que tenho realmente vivido ou será que tenho apenas existido ?*".

imagem 57

Imagem 58

Na cena seguinte Helena consegue escapar da cama em que esta confinada rasteja para fora do quarto, esta cena tem certa ligação com que Charlotte disse anteriormente sobre a existência, mas no caso de Helena ela é uma vitima do seu próprio corpo e da doença que carrega e a restringe a outras possibilidades de liberdade, nós a vemos como se estivesse enjaulada e presa, sufocada pelo plano, a rastejar-se.

Na sequencia desta cena Helena é forçada ao seu limite, físico e mental, ela ouve a conversa de Eva e Charlotte, quando Eva desfere o golpe final em Charlotte.

imagem 59

Imagem 60

imagem 61

Imagem 62

Voltamos aos *flashbacks* que modificam a tensão dramática da cena do embate entre mãe e filha e nos leva ao clima teatral que é trazido pela interação do *estilo* na cena, novamente o passar do tempo representado pela tonalidade da iluminação na cena, a luz principal entra sempre pelas janelas que não nos mostram absolutamente nada do que existe do lado de fora, nada podemos dizer ou suspeitar do que existe no exterior, o posicionamento das personagens é como se tivessem em uma pintura, completamente imóveis, compartilhando o mesmo lugar sem se comunicar, somos embalados e caminhamos através do *flashback* de Eva pelo som do violoncelo enquanto Eva, conta para mãe do envolvimento de Leonardo seu ex-marido com Helena que continua a ouvir toda conversa.
Eva conta que Helena ficou completamente apaixonada por Leonardo durante uma noite em que eles conversavam e ele a beijou. Eva revela que a doença de Helena pode ter sido também causada por Charlotte.

imagem 63

Imagem 64

Eva e bastante dura com Charlote, e diz "*olhe para mim mamãe. Olha para Helena. Somos o resultado das suas atitudes no passado, do seu abandono".*
Charlotte enfim parece demonstrar algum sentimento de arrependimento, e pede perdão para Eva.
Eva, não consegue abraçar a mãe.
Enquanto isso, Helena arrasta-se pelo chão gritando para as duas mulheres, esforçando-se para fazer contato com Eva e Charlotte.
O teatro e a mascara de Charlotte caíram, agora nós a vemos despida de seu personagem, de sua arrogância, nós espectadores podemos ver quem ela realmente é, a real face do seu eu interior que foi externado.

A Culpa

Charlotte deixa a casa de Eva e está indo para algum lugar dentro de um comboio com Paul, seu agente. Há uma mudança muito grande em Charlotte, que demonstra novamente a sua arrogância quando fala da filha e do choque que viveu nos últimos dias.

imagem 65

Imagem 66

Agora Charlotte já esta recomposta, é a mesma mulher luxuosa, arrogante e fria do inicio, ao conversar com Paul, interpretado por *Gunnar Bjornstrand (1909-1986),* Charlotte fala de seu trabalho e de como boa e dedicada ela é no seu trabalho, reflete sobre valores familiares, observando uma pequena vila que avista de dentro do comboio, fala de ações que unem e formam uma família, algo que ela foi incapaz de fazer, algo que nunca pertenceu ao mundo dela, a sua grande falha, mais uma vez ela mostra a grande escapista que sempre foi, mesmo mostrando-se arrependia e triste com as revelações de Eva, Charlotte deixa Eva e parte para outra jornada.

Chartotte esta aprisionada neste espaço tempo que faz parte da vida que decidiu para si e apenas pode olhar para fora da janela e ver o mundo em sua volta passar de dentro do seu mundo obscuro, a única coisa que ela pode ver é o seu reflexo em meio a escuridão.

imagem 67

Imagem 68

O filme de Bergman é uma análise brilhante do amor e arrependimento que é inerente aos relacionamentos entre pais e filhos. O que é um incidente facilmente esquecido para um pai, pode facilmente marcar uma criança para a vida toda. As virtudes de um pai podem ser passadas para uma criança, assim como suas fraquezas. Eva apesar de tudo se sente culpada pela mãe ter ido embora tão rápido, nas ultimas cenas Eva reflete sozinha andando por um cemitério em volta de um lago de aguas tranquilas, opostamente a Charlotte, Eva caminha por um lugar frio que traz lembranças ruins, lembranças que ela quer esquecer, mas se apoia na esperança, e na conexão que tem com o filho Erick, Eva volta para casa, o seu refugio.

imagem 69

Imagem 70

Na ultima sequencia do filme Eva escreve uma carta pra Charlotte se desculpando de tudo o que disse, como no inicio do a voz de Viktor aparece em *voice off* falando que observa Eva sem ela saber, mas a descrição é completamente diferente, agora Eva é mais parecida com o que conhecemos dela, aflita, perturbada e com enorme sentimento de culpa, o casal aparece enclausurado num enquadramento dentro de um enquadramento representado pelas portas que só nos mostra o há no interior, o exterior, a fuga ou a libertação e desconhecida, talvez inalcançável para eles.

Bibliografia

BORDWELL, david. *Narration in the Fiction Film*. London: Routledge, 1987

BORDWELL, david. *Sobre a história do estilo cinematográfico*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013

BERGMAN, ingmar. *Images: My Life in film*. London: Faber and Faber, 1995

MCKEE, robert. *Story: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro*. Curitiba: Editora Arte e Letra, 2006

GIROTTI, márcio Tadeu. *A metáfora do espelho e a ilusão transcendental na obra kantiana: sonhos de um visionário e critica da razão pura,* São Carlos, São Paulo, tese de doutorado defendida em 2014